HVMANITAS

[Recensão a] RODRIGUES, Ália Rosa - Tragédia e política: João de Castro Osório

Autor(es): Marques, Susana Hora

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/27447>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_65_26

Accessed : 26-Apr-2023 10:41:59

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

**Vol. LXV
2013**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Rodrigues, Ália Rosa, *Tragédia e política: João de Castro Osório*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, 210 pp. ISBN: 978-989-26-0162-5

O presente volume é o resultado da investigação feita por Ália Rodrigues no âmbito do seu mestrado, importante para divulgar a obra de um autor português pouco estudado, João de Castro Osório, e, em particular, a *Trilogia de Édipo* (*Esfinge, Jocasta e Antígona*), não composta para ser representada. A produção osoriana é uma reescrita do mito do herói tebano celebrado por Sófocles, à qual se conferem traços conectados com uma época e uma ideologia peculiares, com aspirações nacionalistas, ilustrativas da convicção no heroísmo lusitano. Datada de 1954, momento em que Salazar conduzia a política portuguesa, a trilogia encontra sintomaticamente em Édipo ‘o herói carismático para a reorganização de uma comunidade’ (cf. p. 191), o super-homem nietzscheano, marcado pela excecionalidade que o torna capaz de superar as contrariedades.

A breve introdução feita por Ália Rodrigues na sua publicação dá conta do esquecimento a que Osório e os seus textos terão sido votados e sublinha a necessidade de contextualizar o período entre os séculos XIX e XX em Portugal para compreender a perspetiva e a escrita osorianas.

A consciência da inspiração em Nietzsche, bem como na produção musical wagneriana na obra de Osório, instiga oportunamente a autora a um primeiro capítulo relacionado com a receção de ambos os nomes na vida intelectual portuguesa da primeira metade do século XX.

No capítulo II, apresentam-se páginas bem documentadas sobre a vida e a obra de João de Castro Osório, distinguindo-se o seu percurso político, literário e intelectual. Os dados biobibliográficos fornecidos propiciam a indicação dos diversos *topoi* ‘que marcarão a sua poesia - o tom nacionalista, o sentimentalismo vitalista da ideia de raça, o repto para uma luta infinita (...), a aura mística da missão pela invocação e incorporação espiritual dos valores do mito lusíada sebastianista’ (p. 121), temas que se enquadram no contexto e na ideologia da sua produção literária, claramente marcada por uma dimensão política.

O estudo específico da *Trilogia de Édipo* ocupa o capítulo III, que abre convenientemente com uma síntese do tratamento do mito do herói tebano em diversos domínios, para singularizar a sua abordagem no poema dramático de Castro Osório, no qual se revela um sincretismo entre perspetiva clássica e cristã, para lá da influência do pensamento de Nietzsche e do drama musical de Wagner.

Naturalmente, no decurso do estudo a autora prevê um paralelo entre a versão osoriana do mito e a sofocliana, em particular a nível de elenco e de temas.

As conclusões, pertinentes e sintéticas, vincam a ideia da ‘apologia do sofrimento como cruzada pessoal em prol da comunidade’ (p. 190) – Édipo, homem enaltecido, é a imagem expressiva de tal crença.

Bem estruturado a nível geral, o volume contempla, no final de cada capítulo, pertinentes notas remissivas para distintos domínios (biográfico, literário, político, filosófico, musical), não raro com sugestão de alargamento a outras leituras. A inserção de algumas imagens, por seu turno, torna-o mais atrativo em termos visuais. A nível da diversidade da bibliografia em que se apoia, a publicação está bem documentada; seria porém valorizada pela inclusão de um índice onomástico. Numa nova edição, algumas gralhas, nomeadamente a nível de repetição / omissão de palavras, poderão ser corrigidas.

Em termos globais, esta é uma obra com interesse na área da receção do teatro clássico, que assinala uma presença singular do mito edípiano no Portugal do século XX, evidenciando a perenidade de temas e questões da Antiguidade no mundo atual e a sua permeabilidade a sensibilidades, interpretações e contextos diferenciados, geradores de múltiplas reescritas.

SUSANA HORA MARQUES

Santos, David, Roque, Fátima Faria, *Jorge Amado e o neorrealismo português*, Vila Franca de Xira; Lisboa: Museu do Neo-Realismo; Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras de Lisboa (CLEPUL), 2012.

A romantizada e ficcionalizada maneira de ser do povo brasileiro – otimista, feliz e sensual –, descrita por Jorge Amado em sua obra, poderá ser vista agora, sob o olhar português, no belíssimo livro de David Santos e Fátima Roque. Baseado nas iniciativas que festejaram os cem anos do nascimento do mestre baiano em agosto do ano passado, o catálogo *Jorge Amado e o neorrealismo português*, fruto de uma parceria entre o Museu do Neo-realismo, sediado em Vila Franca de Xira, e o Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras de Lisboa (CLEPUL), é uma realização valiosa.